

PF acha corpos após pescador preso confessar assassinato de Bruno e Dom

SANGUE NA FLORESTA



De volta ao local do crime. Pelado ao lado de policiais federais rumo a onde disse ter enterrado Dom e Bruno

‘REMANESCENTES HUMANOS’

PF ACHA FRAGMENTOS DE CORPOS ONDE SUSPEITO CONFESSOU ESTAREM DOM E BRUNO

A Polícia Federal localizou ontem fragmentos de corpos na região do Vale do Javari, no Amazonas, que podem ser do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips, desaparecidos desde o dia 5. A PF foi levada ao local por um dos pescadores presos por suspeita de envolvimento no crime. Ele confessou ter participado do duplo homicídio, ocultado os corpos e afundado a embarcação onde os dois viajavam.

A descoberta dos vestígios de corpos foi confirmada à noite em entrevista coletiva realizada na Polícia Federal, em Manaus. Pouco antes, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, já havia informado no Twitter que “remanescentes humanos” haviam sido encontrados na região.

Segundo o delegado Eduardo Alexandre Fontes, superintendente regional da PF, Amarildo da Costa de Oliveira, conhecido como Pelado, assumiu voluntariamente no final da noite de anteontem a participação no crime. Pelado se comprometeu a mostrar onde escondeu os corpos.

Pelado foi levado ao ponto onde as buscas se concentram na manhã de ontem. O suspeito indicou onde as vítimas foram mortas, onde estavam os corpos e também o local em que afundou a em-

barcação usada por Bruno e Dom na viagem pelo Vale do Javari. Trata-se de uma área de “difícil acesso”, segundo contou Fontes.

BUSCAS MATA ADEPTO

A localização dos remanescentes de corpos só foi possível depois de um percurso de três quilômetros pela mata. A reconstituição do crime foi feita no local indicado por Amarildo.

— Para você ingressar com embarcação (no local onde os corpos teriam sido enterrados), ela deve ser muito pequena. Sem contato telefônico, um agente teve de sair da área para me informar que os remanescentes humanos tinham sido achados — disse o superintendente regional da PF no Amazonas.

Bolsonaro: Phillips era ‘malvisto’

O presidente Jair Bolsonaro afirmou ontem que o jornalista inglês Dom Phillips atraiu inimizades no Vale do Javari por ter feito reportagens contra garimpeiros. Segundo Bolsonaro, Phillips deveria ter tido mais cuidado ao viajar para a área.

— Esse inglês era malvisto na região. Porque ele fazia muita matéria contra garimpeiro. Naquela região, bastan-

te isolada, muita gente não gostava dele. Ele tinha que ter redobrado atenção consigo próprio. E resolveu fazer uma excursão — criticou o presidente, em entrevista à jornalista Leda Nagle no YouTube. Bolsonaro ainda afirmou que, caso os dois tenham sido mortos, os corpos estariam dentro d’água.

— Pelo que tudo indica, se mataram os dois, espero que não, estão dentro d’água. Pouca coisa vai sobrar. Peixe come. Não sei se tem piranha lá no Javari — afirmou o presidente.

À tarde, em uma cerimônia do Palácio do Planalto, Bolsonaro afirmou acreditar que o mistério do desaparecimento estava perto do fim.

— Espero que, nas próximas horas, o desaparecimento de dois cidadãos na Amazônia seja esclarecido. Tudo indica para isso — declarou o presidente, que também se queixou das críticas que recebeu por causa do sumiço de Phillips e do indigenista Bruno Pereira. — Desde o primeiro dia, a nossa Marinha estava em campo. Estou me culpando agora por isso. Quando

(hoje) para Brasília, onde será realizada a perícia que descobrirá a causa da morte e as circunstâncias do crime — afirmou o superintendente.

Fontes afirmou ainda que “novas prisões devem ocorrer a qualquer momento”.

— Esse é o trabalho de inteligência. Não podemos falar, mas já temos uma linha principal para desvendar as causas do crime — afirmou.

Mas, na noite de ontem, o assessor jurídico da Univaja, Eliésio Marubo, informou que uma terceira pessoa já havia sido presa no caso. Eliésio afirmou que não sabia o nome do suspeito.

A mulher de Dom, Alessandra Sampaio, divulgou

um comunicado em que afirmou que, embora aguarde as confirmações definitivas, o “desfecho trágico” põe fim à angústia de não saber o paradeiro de Dom e de Bruno. “Agora podemos levá-los para casa e nos despedir com amor”, declarou Alessandra.

À ESPERA DE RESPÓSTAS

“Hoje, se inicia também nossa jornada em busca por justiça. Espero que as investigações esgotem todas as possibilidades e tragam respostas definitivas, com todos os desdobramentos pertinentes, o mais rapidamente possível”, afirmou a mulher do jornalista. “Agradeço o empenho de todos que se envolveram diretamente nas buscas, especialmente os indígenas e a Univaja. Agradeço também a todos aqueles que se mobilizaram mundo afora para cobrar respostas rápidas. Só temos paz quando as medidas necessárias forem tomadas para que tragédias como esta não se repitam jamais. Presto minha absoluta solidariedade com a Beatriz e toda a família do Bruno.”

Pelado havia sido preso na semana passada, no dia 7, e Oseney, anteontem. No domingo, a PF confirmou que encontrou roupas e objetos que pertenciam a Dom e Bruno. Dois dias antes, policiais haviam encontrado “material orgânico aparentemente humano” na região, ainda examinados.

mataram a Dorothy Stang lá atrás, ninguém culpou o governo. Era de esquerda — comparou o presidente, referindo-se ao assassinato da missionária americana no Pará em 2005. Em seu primeiro pronunciamento sobre o caso, o primeiro-ministro britânico Boris Johnson disse no Parlamento, em Londres, estar “profundamente preocupado” com Phillips: — Dissemos às autoridades brasileiras que estamos prontos para providenciar todo o apoio que possam precisar. (Daniel Gullino)

PARA SEMPRE NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA

BRUNO E DOM, DUAS FORÇAS QUE SE UNIRAM PARA DEFENDER INDÍGENAS

CARLA ROCHA, BRUNO ALFANO E ALFREDO MERGULHÃO
 foto: @globo.com.br

Bruno e Dom se encontraram na paixão pela Amazônia. Há mais de 15 anos correspondente no Brasil, o inglês Dom Phillips foi cada vez mais enveredando pelo tema meio ambiente e se encantou pela floresta, que sonhava salvar e transcrever as maravilhas em livro. Bruno Araújo Pereira, servidor concursado da Funai, que se embrenhou de corpo e alma pelo Vale do Javari, onde coordenou o combate a invasores da terra indígena, era seu duplo. No fervilhante caldeirão ambiental do Brasil, eles combinavam em tudo e logo se tornaram parceiros de toda hora.

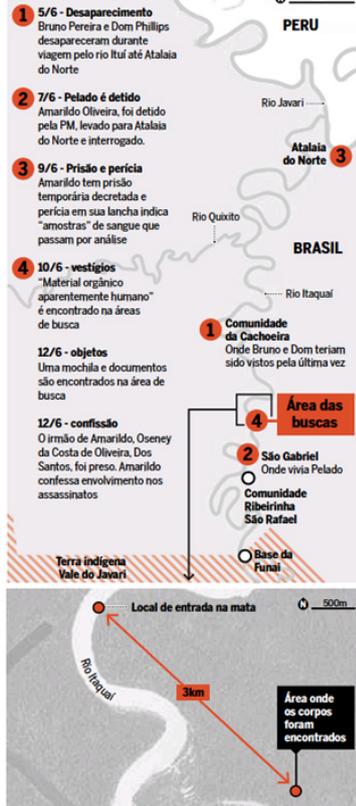
Os dois trabalharam juntos em reportagens publicadas nos principais jornais do mundo. Ambos de certa forma eram contadores de história. Embora evitasse aparecer, Bruno era extremamente acessível a quem queria se juntar à causa indígena e compartilhava informações. Foi assim com Phillips, que chegou ao Javari graças a uma bolsa da Alicia Patterson Foundation, selecionado entre nove jornalistas. Ele escreveria o "Como salvar a Amazônia?", e não havia ninguém melhor do que Bruno para lhe abrir as franjas da floresta. Ao lado do indigenista, ele pôde adentrar o verde fechado da mata com a bênção dos indígenas. Para os povos da floresta, Bruno era como mãe arara da canção do ritual da ayahuasca dos Kanamari, que ele aparece cantando num vídeo que viralizou nas redes sociais. Um protetor que, na percepção dele, ganhava ares de um santo branco, alto e barbudo. — Ele era nosso protetor, a mãe arara que dá comida no bico para os filhotes. Estamos sem rumo — diz Aldair Kanamary, presidente do Conselho Distrital de Saúde dos Kanamari, que ensinou Bruno a entoar a música sagrada que ele levava para outras aldeias e cantava em longas e cansativas expedições como forma de acalmar a si mesmo e aos indígenas.

ALMAS COMBATIVAS E LIVRES
 Phillips viu que Bruno tinha um elo com os indígenas diferente do olhar convencional do homem branco para a aldeia. Era isso que ele buscava. Bruno, por sua vez, queria caixa de ressonância para as denúncias sobre ataque de garimpeiros, de pescadores, madeireiros e narcotraficantes em seu paraíso.

Ambos, Bruno, de 41 anos, e Phillips, de 57, dividiam a atenção da família com o projeto de defender o território do Vale do Javari, com suas 26 etnias, mais de seis mil indígenas e de oito milhões de hectares. Phillips, que chegou ao país em 2007, fazia viagens eventuais em que deixava a mulher, Alessandra Sampaio, em Salvador, onde moravam. Bruno fazia o



A PROCURA POR DOM E BRUNO



'Ele era nosso protetor, a mãe arara que dá comida no bico para os filhotes. Estamos sem rumo'

Aldair Kanamary, presidente do Conselho Distrital de Saúde da etnia e amigo de Bruno

'Ele ama o Brasil e a Amazônia'

Tom Phillips, correspondente no Brasil do "The Guardian" e amigo de Dom

mesmo para, de tempos em tempos, passar dias com tribos da região, distante da casa em Brasília, da mulher Beatriz e dos dois filhos, de 2 e 3 anos. Antes de se estabelecer na Bahia, Phillips tinha morado no Rio e em São Paulo. Enquanto devorava tudo que podia sobre a floresta, o jornalista colaborava para os jornais "The Washington Post", "The New York Times" e "Financial Times". Já Bruno, a partir dos anos 2000, aprendeu a se comunicar em quatro línguas de etnias do Javari e realizou ao menos dez expedições com os indígenas.

Os dois se conheceram em 2018, quando estiveram juntos numa expedição. A convite da Associação União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja), Dom Phillips embarcou na viagem de 17 dias para fazer contato com os Korubo. Desde então, ele e Bruno selaram uma parceria profícuca. O desaparecimento do jornalista, considerado doce e socialmente engajado — ele se dedicava a projetos junto a crianças carentes em Salvador —, desencadeou grande comoção. Assim que a notícia veio à tona, o amigo Tom Phillips, correspondente no Brasil do "The Guardian", pediu que os brasileiros se mobilizassem pela localização do colega. "Ele ama o Brasil e a Amazônia e tenho certeza que está grato pelo apoio", postou em seu perfil no Twitter.

Bruno Pereira era considerado pela União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja) como a maior auto-

ridade do país no trabalho em campo especializado em povos isolados. "Não visualizamos a realização da mesma atividade por qualquer outro indigenista na atualidade", disse a ONG, em nota, ao responder as declarações do presidente da Funai, Marcelo Xavier, de que o servidor da Funai, que estava licenciado, tinha feito uma visita não autorizada e planejada ao Javari. Bruno esteve anos à frente da Coordenação-Geral de Indígenas Isolados e de Recente Contato (CGIIRC), função que exigia extremo cuidado e capacidade técnica. Ele foi um dos poucos servidores do órgão a ter contato com esses indígenas.

COMBATE AO GARIMPO

Após uma operação de combate ao garimpo na terra Lanomami, em Roraima, ele foi exonerado pelo então secretário-executivo do Ministério da Justiça e Segurança Pública, Luiz Pontel. A Operação Korubo, liderada por ele, foi a maior realizada no país em 2019 no combate à extração ilegal de minério. Na ocasião, 60 balsas de garimpo foram destruídas. Xavier, atual presidente do órgão, tinha chegado há pouco tempo na Funai. Para colegas de trabalho, ele foi derrubado por interesses políticos e econômicos na região.

— O Bruno ainda conseguiu passar um certo tempo (no cargo), mas saiu quando coordenou uma operação de desintrusão na TI Yanomami. No retorno, foi quase imediatamente exonerado, perdeu a função. Poucos meses depois, ele se viu completamente escanteado, não tendo mais nenhuma participação nos trabalhos. Ele foi isolado — diz indigenista Antenor Vaz, que atuou por 23 anos na Funai com povos isolados.

Desde então, ao lado da Univaja, Bruno treinou os indígenas para que eles próprios tivessem condições de fiscalizar suas terras, ensinando técnicas de geolocalização e de documentação de irregularidades inclusive com drones. Indigenista e professor da Universidade Federal do Amazonas, Sanderson Oliveira acredita que Bruno deu uma contribuição inigualável para a atividade no país ao mudar a forma de atuação, buscando uma proximidade real com os indígenas, com sua cultura, mitologias e práticas religiosas:

— Penso que o Bruno faz parte de um grupo (indigenistas) que chega em Atalaia (do Norte, no Amazonas) com uma outra perspectiva. Havia muito indigenismo marcado pelos conflitos de demarcação de terras, mas o Bruno e outros colegas passaram a ter a percepção de que indigenismo é também estar na aldeia. O Bruno faz parte desse novo movimento, ele vai para lá, aprende as músicas, vira ayahuasqueiro.

Sua última cena em defesa dos indígenas aconteceu este ano, quando fez novas denúncias de invasões e deu nomes de quem estaria por trás dos crimes.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil **Página:** 9 a 11